FOLHETO
Nº 042
DATA 23/11/02

BETTY J. MEGGERS e CLIFFORD EVANS

UMA INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS DA ILHA DE MARAJÓ

(Com um Mapa e dez Estampas)

Publicação n. 7

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM—PARÁ—BRASIL

1954

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARA'

(Fundado em 27 de Setembro de 1947)

Sede provisória:

MUSEU GŒLDI

Belém - Pará - Brasil

DIRETORIA EM EXERCÍCIO — Presidente: Eurico Fernandes; vice-presidente: Paulo Maranhão Filho; 1.º secretário: Napoleão Figueiredo; 2.º secretário: Inocêncio Machado Coelho; Tesoureiro: Gabriel Hermes Filho; bibliotecário: Expedito Coelho Arnaud; diretor do Museu: Armando Bordalo da Silva; diretores das Publicações: Frederico Barata e José Coutinho de Oliveira.

PUBLICAÇÕES JÁ EDITADAS:

N.º 1 — "ASPECTOS ANTROPO-SOCIAIS DA ALIMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA", por *Armando Bordalo da Silva* (2 mapas) — 1949.

N.º 2 — "A ARTE OLEIRA DOS TAPAJÓ — I. Considerações sôbre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos", por *Frederico Barata.* (48 ilustrações) — 1950.

N.º 3 — "HISTÓRIA E VOCABULÁRIO DOS ÍNDIOS UITOTO", por *Nunes Pereira.* (Com 2 ilustrações) — 1951.

N.º 4 — "ALGUMAS NOTAS SÔBRE OS WAIANO E OS APALAÍ, DO RIO JARÍ", por *Eurico Fernandes.* (Com 20 ilustrações) — 1952.

N.º 5 — "CONTRIBUIÇÃO À ARQUEOLOGIA DA ILHA DE MARAJÓ' — Os "tesos" marajoáras do alto Camutins e a atual situação da ilha do Pacoval, no Ararí", por *Peter Paul Hilbert.* (Com mapas e ilustrações) — 1952.

N.º 6 —— "A ARTE OLEIRA DOS TAPAJÓ" — III. Alguns elementos novos para a Tipologia de Santarém", por *Frederico Barata.* (Com 10 ilustrações) — 1953.

N.º 7 — "UMA INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS DA ILHA DE MARAJÓ", por *Betty J. Meggers* e *Clifford Evans.* (Com 1 mapa e 10 estampas). — 1954.

S/N. — "UMA ANÁLISE ESTILISTICA DA CERÂMICA DE SANTARÉM", por *Frederico Barata.* — Separata de "Cultura", do Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, feita especialmente para o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. (Com 98 ilustrações). — 1953.

Em preparação:

N.º 8 — "COM OS MUNDURUCÚ, NO ALTO TAPAJÓS", de *Robert* e *Yolanda Murphy.*

N.º 9 — "A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA REGIÃO DE ORIXIMINÁ", por *Peter Paul Hilbert.*

N.º 10 — "NOTAS SÔBRE OS TEMBÉ DO ALTO GURUUPÍ", por *Max Boudin.*

Solicitações de permutas e correspondência devem ser dirigidas ao

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

CAIXA POSTAL, 684

Belém - Pará - Brasil

BETTY J. MEGGERS e CLIFFORD EVANS

UMA INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS DA ILHA DE MARAJÓ

(Com um Mapa e dez Estampas)

BIBLIOTECA ARTHUR R.
MANAUS - AMAZONAS

Publicação n. 7

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM—PARÁ—BRASIL

1954

FOLHETO
Nº 042
DATA 21/11/02

NOTA DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Clifford Evans, Jr., graduado da University of Southern California e da Columbia University, pela qual recebeu o título de Ph. Doctor em antropologia, em 1950 e sua esposa, Betty J. Meggers, (B. A. da University of Pennsylvania em 1943, M. A. da University of Michigan em 1944 e Ph. Doctor pela Columbia University em antropologia), realizaram uma expedição de estudos ao baixo Amazonas e especialmente à ilha de Marajó, permanecendo na região de 1 de Julho de 1948 a 15 de Julho de 1949.

A expedição foi custeada por bolsas do Viking Fund (hoje Wenner Gren) e da William Bayard Cutting Traveling Fellowship, da Columbia University, e empreendida sob os auspícios do Departamento de Antropologia da Columbia University, em cooperação com o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Paraense Emílio Gœldi e o Museu Territorial do Amapá.

Os resultados completos dêsse amplo trabalho arqueológico de campo vão aparecer brevemente em volume, nos Estados Unidos, mas o Dr. Evans e sua esposa aquiesceram em distinguir as Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará com a antecipação de algumas das principais conclusões a que chegaram, a respeito das culturas extintas da Ilha de Marajó, reservando-nos, assim, êste estudo, que é o primeiro que permitem editar em língua portuguesa.

Outros artigos relativos ao trabalho da mesma expedição foram publicados anteriormente em inglês e são aqui citados como referência bibliográfica para os estudiosos interessados: "Preliminary Results of Archaelogical Investigations at the Mouth of the Amazon", por Clifford Evans, Jr. e Betty J. Meggers, em "American Antiquity", vol. XVI, n. 1, July 1950; "A Pre-Columbian Colonization of the Amazon", por Betty J. Meggers, em "Archaelogy", vol. 4, n. 2, June 1951 e, finalmente, "The Territory of Amapá: Land in Dispute", por Clifford Evans, Jr., em "Archaelogy", vol. 4, n. 3, Autumn 1951.

Êste trabalho e os quadros correspondentes são fornecidos para exclusiva publicação pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Êles não podem ser reproduzidos, quer inteiramente ou em parte, em qualquer outro periódico, boletim, revista ou jornal, sem prèvia permissão dos autores.

Desejamos expressar nossa gratidão ao sr. Machado Coelho, então Diretor do Museu Gœldi (1948-1949), o qual não sòmente pôs à nossa disposição as facilidades do Museu, mas amenizou o nosso trabalho com sua cooperação expontânea e dedicada. As coleções de cerâmica de tôdas as Fases discutidas nêste estudo, acham-se depositadas no Museu Gœldi.

BETTY J. MEGGERS

e

CLIFFORD EVANS

Desde meiados do século dezenove, quando pela primeira vez observadas por cientistas e viajantes, foram as cerâmicas dos tesos artificiais de Marajó aclamadas como uma expressão avançada e versátil de habilidade técnica e artística. Em anos recentes outros estílos amazônicos foram descobertos, e sua relativa rudeza serviu para acentuar a superioridade da cerâmica de Marajó. Essa superioridade levou mais de um antropólogo a considerar a ilha como o núcleo da área de floresta tropical, o lugar onde os geralmente distribuidos conhecimentos da arte de cerâmica e estílos de modelagem e pintura foram elaborados e refinados até o mais alto ponto. Willey recentemente interpretou êsse núcleo como o centro de onde partiram as influências em direção ao Norte, Oeste e Sul para afetar as cerâmicas de áreas distantes (Handbook of South American Indians, Bureau of American Ethnology, Bul. 143, Vol. 5, Mapa 3, pag. 194, 1949).

Essas interpretações baseiam-se tôdas em dados insuficientes e de autenticidade incerta, pois embora os tesos de Marajó e seus conteúdos tenham despertado um enorme interêsse, desde a última parte do século dezenove, jamais se publicou um relatório adequadamente documentado sôbre excavações arqueológicas. A falta de tais informações para substanciar a crescente importância emprestada a essa área, representa uma séria lacuna em nosso conhecimento, e foi numa tentativa para colocar em bases mais sólidas as teorias correntes que seguimos para Marajó em 1948-9.

Nosso itinerário levou-nos primeiramente para a costa centro-norte, e descobrimos mais tarde ter isto sido extremamente afortunado. Essa região não possue nenhum grande teso artificial, e todos os sítios arqueológicos são tesos naturais, pequenos e baixos, com rasos depósitos de restos culturais e não contendo nenhum dos elaborados estílos marajoáras. Desde que êsses eram os únicos depósitos da região, não tivemos dificuldade em convencer os habitantes a nos levarem até lá. Quando, mais tarde, visitámos o interior da ilha, onde os tesos artificiais são abundantes, recebemos repetidos desmentidos de que houvesse outra coisa a ser encontrada na região. Os caboclos não compreendiam como alguem poderia se interessar pelas "pedrinhas" irrelevantes, quando tamanha riqueza de material aguardava um mínimo de esfôrço nos tesos vizinhos. Essa é provavelmente a razão porque ainda não foi relatado nenhum outro estílo, além do marajoára. Há, entretanto, pelo menos quatro outros estílos

distintos não só da Fase Marajoára como uns dos outros. E como tal, êles tem importante papel nas interpretações da localização de Marajó na história da cerâmica sul-americana.

Nosso conhecimento sôbre essas culturas limita-se ao que pode ser deduzido dos restos de cerâmica. Sem jazidas na ilha, a pedra só podia ser obtida mediante o comércio, e instrumentos de pedra raramente são encontrados. Essas evidências, adicionadas ao que sabemos sôbre as tribos amazonenses contemporâneas, indicam que as armas e instrumentos eram feitos de madeira ou bambú. Excepto pendentes auriculares e algumas contas de argila, não encontrámos nenhum ornamento, e deduzimos que êsses ornamentos eram feitos de penas, sementes e outros materiais efêmeros. A descoberta de um caco de cerâmica arredondado em forma de disco, perfurado no centro, leva-nos a postular a existência da fiação, embora nenhuma rêde ou tecido fôsse encontrado. Um povo sem cerâmica, vivendo num clima húmido como o da região amazônica, não deixa nenhuma pista para a reconstrução de sua história; um povo que fabrica cerâmica deixa um relato de sua história nos cacos que o arqueólogo pode decifrar e com os quais pode reconstruir a cultura. As páginas seguintes mostrarão em que medida é isso possível.

O mais antigo dos estílos da ilha de Marajó, a Fase Ananatuba, é encontrado em vários restos arqueológicos de aldeias na costa norte da ilha. As camadas de terra com cacos são mais espêssas e os cacos de cerâmica mais abundantes que em qualquer das outras fases, excepto a Marajoára, indicando ou uma vida mais sedentária com uma prolongada ocupação da aldeia ou uma população numerosa. A cerâmica é dura e lisa com uma superfície de coloração entre o amarelo e o castanho. Sòmente 2% é enfeitada com incisões, em desenhos bem acabados. (Veja-se a Estampa 1).

A vida aparentemente pacífica e calma da Fase Ananatuba terminou com sua conquista por um grupo com diferente tradição cerâmica que ocupava anteriormente a região costeira de Marajó no extremo oeste e o sul de Caviana. Nesta Fase Mangueiras a grande maioria dos cacos são provenientes de pequenas tijelas e igaçabinhas, não decoradas e empregadas provàvelmente como recipientes de cozinha. A forma comum de decoração consiste na fricção e raspagem com pedaços de pau ou gravetos, riscando-se linhas paralelas e intercruzadas na superfície externa. (Estampa 2).

Um terceiro grupo, a Fase Formiga, surge na mesma área depois do desaparecimento da Fase Ananatuba, mas contemporâneamente com a última parte da Fase Mangueiras. Comparativamente às duas anteriores, sua ocupação da região é curta. Escavações futuras poderão mostrar que essa Fase Formiga se desenvolveu a partir do extremo ocidental da ilha. A cerâmica é pobre e mal acabada, se a compararmos com as das Fases Ananatuba e Mangueiras, e tem uma coloração vermelho-acinzentada. A cerâmica decorada, abrangendo 4% do total, não é caracterizada por nenhum estílo remarcável.

Quando os europeus alcançaram pela primeira vez a foz do Amazonas, encontraram as ilhas de Mexiana e Caviana, bem como a de Marajó, ocupadas por uma tribo a que chamaram de Aruã. Alguns acreditam que os tesos artificais foram levantados por êstes índios, mas as pesquizas arqueológicas revelam pequenas contas de vidro europeu associadas com um tipo de cerâmica muito mais simples que a encontrada nos tesos e diferente das de qualquer das fases já descritas. A percentagem de cerâmica decorada é mais baixa de tôdas na Fase Aruã e limita-se inteiramente a uma série de aneis ou círculos impressos com a extremidade de uma vara ao redor do gargalo ou ombro das urnas funerárias. (Estampa 3). Como o povo da Fase Marajoára, os Aruã praticavam o sepultamento secundário em igaçabas grandes, mas essas urnas eram agrupadas à superfície da terra em vez de enterradas em tesos artificiais. (Estampa 4). As aldeias, ao longo dos igarapés nas florestas próximas da costa, são menores e menos permanentes que em qualquer das fases já mencionadas.

Dessas quatro fases, três são anteriores à Marajoára e uma (a Aruã) é posterior. Todos os sítios encontram-se em elevações naturais que não se acentuam em comparação com as áreas em derredor, mas que sempre permanecem acima do nível das enchentes durante a estação chuvosa. (Estampa 6). As habitações acham-se típicamente nos pequenos igarapés na floresta costeira. Elas medem de 50 a 75 metros em diâmetro, com depósitos de restos de cerâmica variando em espessura de 5 centímetros a um metro. Os cacos são igualmente distribuidos e acham-se misturados com uma pequena quantidade de terra, indicando o uso de habitações sôbre estacas. E' isso o que se deveria esperar encontrar se se escavasse em qualquer parte de uma aldeia contemporânea entre as tribos mais sedentárias da bacia amazônica. A cerâmica, simples e utilitária, não é estandardizada em forma ou tamanho nem habilmente decorada. Esses dados evidenciam que a cerâmica era antes feita pelas mulheres para seu uso quotidiano que produzida por especialistas, os quais nada mais fariam que suprir as necessidades da aldeia. Os depósitos, pequenos e rasos, mostram que as aldeias eram pequenas e ocupadas sòmente por um curto período. Exatamente como o fazem os índios de hoje, as tribos de Marajó moviam-se de lugar para lugar assim que seus campos de plantio se exauriam ou a caça se fazia rara. Excepto para os Aruã, não possuimos evidências do tipo de sepultamento. Aparentemente havia pouca ou nenhuma ênfase religiosa no tocante à morte; o sepultamento em urnas não era praticado, e os cadáveres eram dispostos de maneira a não deixar qualquer resto arqueológico. Exceptuando-se os cachimbos, ídolos e adornos de orelha da Fase Mangueiras, e os ídolos da Fase Aruã, a cerâmica era usada ùnicamente para vasilhas.

Essa maneira de viver contrasta grosseiramente com a da Fase Marajoára. Os sítios Marajoáras concentrados nos campos na metade ocidental da ilha, tendo o Lago Arari como centro (veja-se o mapa), constituem largas colinas, salientando-se sôbre a planície. (Estampa 5). Êsse

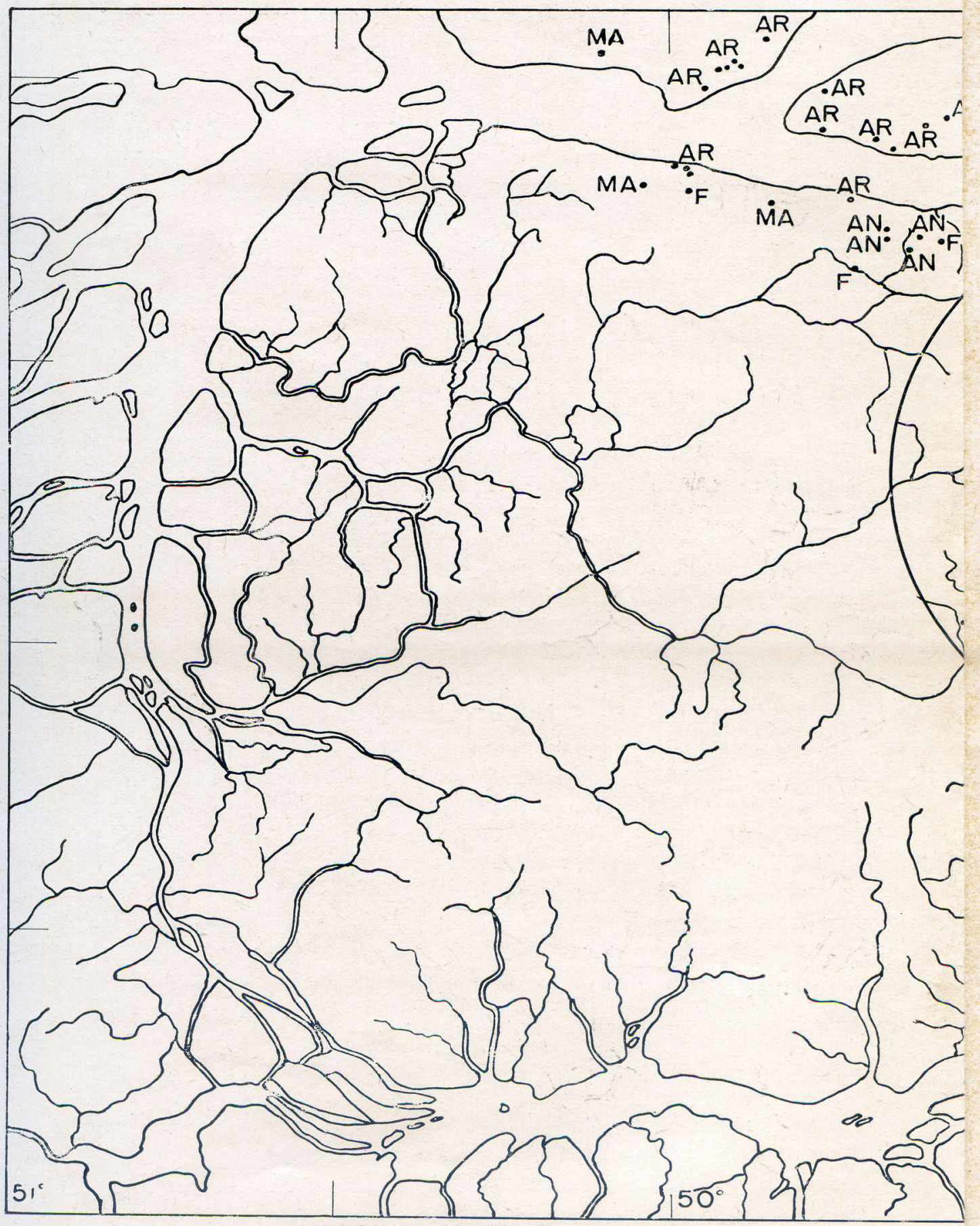
tesos foram construídos com a terra recolhida cêsto após cêsto e depositada no sítio. Por analogia com as tribos existentes em outras regiões, sabemos que essa espécie de construção exige um governo forte que possa planejar e executar programas de longa duração, uma sociedade dividida em classes, dominante e dominada, e uma divisão ocupacional do trabalho. Enquanto alguns indivíduos construiam tesos com a finalidade de usá-los para habitações ou cemitérios, outros trabalhavam nas roças ou caçavam e pescavam para prover os alimentos.

Essa divisão de trabalho é evidente também na cerâmica. A cerâmica marajoára, tanto na forma quanto na decoração, mostra por si mesma ser o produto dum grupo especial de artesões. (Estampa 7). A uniformidade da forma e tamanho dos potes não decorados, a decoração de duas ou mais igaçabas em côres e padrões quase idênticos, a habilidade na execução dos desenhos em complexas incisões, e o uso de uma ou duas camadas de barro fino na superfície do mesmo vaso, são indicações de que a fabricação da cerâmica constituia uma arte especializada. Em adição aos vasos, encontram-se ídolos, cachimbos, bancos e tangas de cerâmica, bem como adôrnos antropomórficos e zoomórficos numa variedade infinita. (Estampa 8).

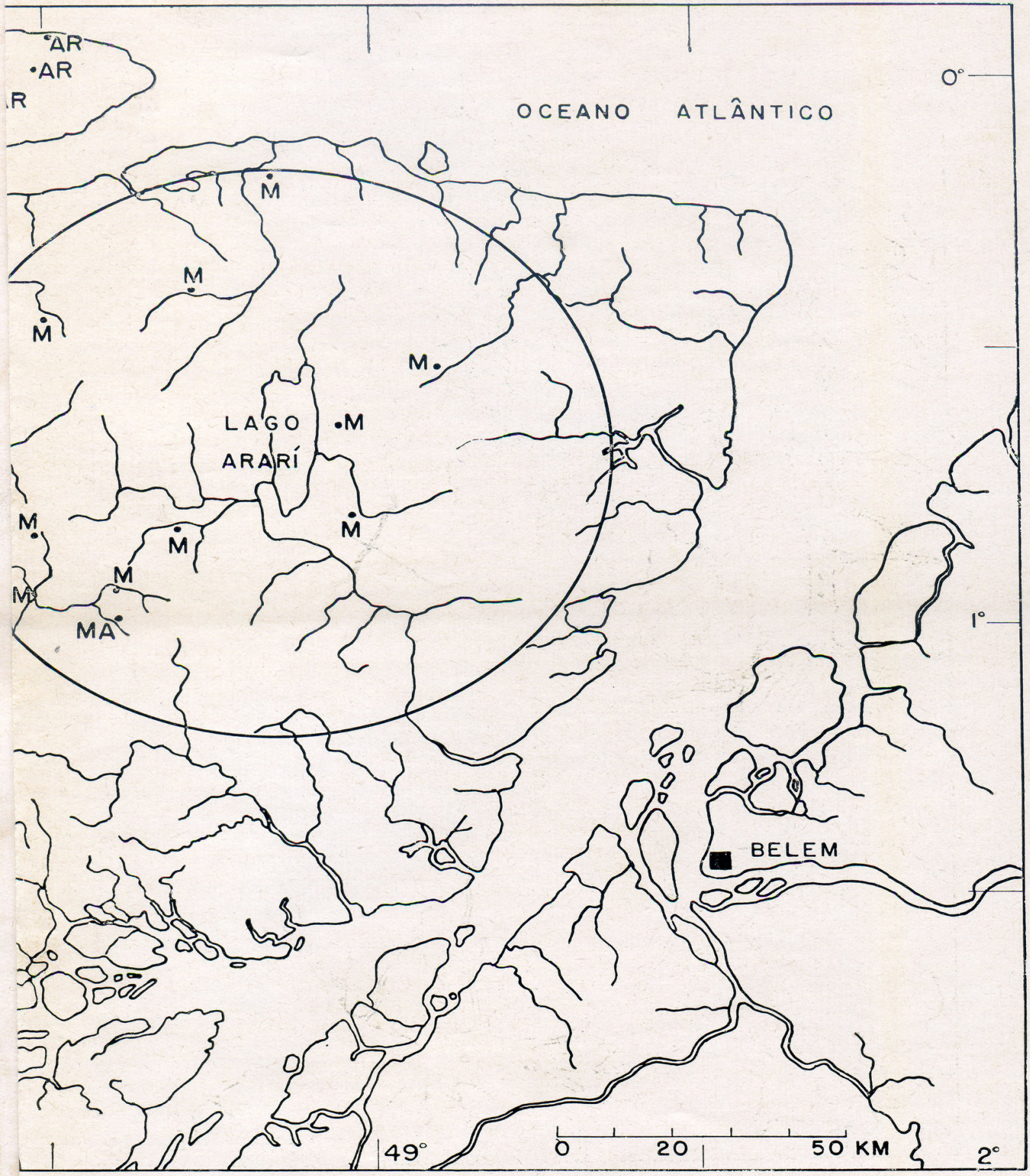
Os tesos foram construidos com duas finalidades: como local para aldeia (Estampa 9) e para cemitérios (Estampa 5). Nos tesos de habitação a cerâmica é relativamente escassa e quase sempre sem decoração. A grande quantidade de terra misturada com os cacos e as camadas de terra avermelhadas pela ação do fogo, umas sôbre as outras, que marcam os sucessivos níveis do soalho, indicam que o povo da Fase Marajoára não costumava construir habitações sôbre estacas. Ao contrário, construiam diretamente sôbre o solo, usando a superfície do chão como soalho para a habitação, cobrindo-o de tempos em tempos com barro limpo. Desde que tal soalho se tornaria húmido na estação chuvosa, se colocado ao nível natural do solo, parece que o motivo para a construção dos tesos era a necessidade de um local seco para as habitações.

Os tesos construidos para os fins de sepultamento são em geral maiores que os para habitação. A existência de um ritual elaborado, girando em tôrno da morte e crença na vida futura, é evidenciada pelas igaçabas grandes fabricadas para sepultamento, e pela presença de tijelas, que provàvelmente conteriam ofertas de alimentos, e de tangas e ossos de animais, pintados de vermelho, no interior das urnas. As distinções de classe se evidenciam no contraste entre esta espécie de sepultamento e outros, sepultados diretamente no solo, sem proteção de urnas e sem oferendas excepto a tanga.

Essa é a cultura Marajoára na sua forma mais antiga na ilha de Marajó. Ela surge completamente desenvolvida e de maneira tão súbita que torna seguro ser ela uma cultura intrusa. Sua história é, em Marajó, de rápido declínio. A cerâmica torna-se mais e mais rudimentar, as urnas funerárias tornam-se menores e com uma decoração menos elabo-



Mapa da foz do Amazonas, mostrando a localização d
e Mexiana, e na parte sul da ilha Caviana. O círculo ma
maior parte dos campos. Legendas: AN, Fase Ananatub
M



os sítios pertencentes às diversas Fases nas ilhas de Marajó
rca o limite aproximado da Fase Marajoára e abrange a
a; AR, Fase Aruã; F, Fase Formiga; M, Fase Marajoára e
A, Fase Mangueiras.

rada (Estampa 10), a cremação substitue o sepultamento secundário, e as tangas deixam de ser depositadas nas urnas. Essas são pequenas mudanças, mas são indícios do decréscimo no número da população, do desaparecimento do poder governamental e da crescente ênfase na autosuficiência dos indivíduos antes que na divisão de trabalho. Em outras palavras, a Fase Marajoára, que tinha penetrado na ilha como uma cultura complexa, regrediu ou declinou lentamente para o nível de uma cultura não diferenciada, como as das fases que a precederam em Marajó.

E' interessante examinar as razões para êsse declínio. Pesquizas antropológicas e arqueológicas mostraram que as culturas progridem na medida em que a produtividade do trabalho humano aumenta. Numa cultura onde os homens dependem da caça, da pesca e da colheita de plantas silvestres para a alimentação, a vida é uma constante busca de alimento. Todos os membros da família ou tribo, físicamente capazes, devem devotar todo tempo às atividades de subsistência. Há especialização de ocupação sòmente na base de sexo e a organização política ou social é muito rudimentar. A vida semi-nomâdica, que a busca de caça e plantas silvestres requer, não exige sinão uma habitação das mais provisórias. Desencoraja também o desenvolvimento ou aperfeiçoamento de bens materiais, porque sòmente uma quantidade limitada pode ser transportada por um povo em constante movimento. Além disso há pouco lazer para experiência. Restos de tribos nêsse estágio não podem ser encontrados arqueológicamente numa região como o Amazonas, onde havia pouca pedra e onde a excessiva húmidade destróe todos os objetos feitos de outros materiais.

A descoberta da agricultura transformou essa maneira de vida. Domesticando plantas e fazendo-as trabalhar para si, o homem tornou-se capaz de aumentar imensamente os frutos do seu trabalho. Com a garantia de alimento para seu uso diário e com uma reserva para as festividades ou possíveis necessidades futuras, não era preciso mais que todos empregassem todo tempo na busca de alimento. Algum tempo podia ser dispendido em tornar a vida mais conveniente e confortável. Habitações mais permanentes e uma concentração da população tornaram-se possíveis. Isso acarretou mudanças na organização social, com o desenvolvimento de chefes, clans e os primórdios de uma divisão de trabalho na base de ocupação. As mulheres não mais necessitavam dispender todos os dias na busca de frutas e raizes silvestres, e podiam passar o tempo restante nos deveres caseiros, aperfeiçoando-se na habilidade de tecer e de fabricar cêstos e cerâmica. O ritual era elaborado e dirigido aos espíritos das fôrças da natureza que poderiam assegurar o sucesso das colheitas

A agricultura de derrubada e queimada tornou possivel o começo de tudo isso. Em áreas mais secas, como Perú e México, onde a agricultura se faz com irrigação, as culturas continuavam a se desenvolver e diferenciar. Nêssas áreas as tribos transformaram-se em confederações e impérios, com classes sociais rígidas, largo corpo de funcionários go-

vernamentais e religiosos bem como artesões e técnicas de todos os tipos, sem nenhum dêles contribuir com atividades de subsistência. Uma consequência necessária dessa divisão de trabalho foi a elaboração de mercados e comércio. Os espíritos da natureza desenvolveram-se em deuses poderosos; grandes templos foram erigidos e sacrifícios oferecidos em sua honra. A agricultura já se achava suficientemente desenvolvida para permitir uma parte pequena da população produzir alimento bastante para todos.

Nas florestas tropicais êsse desenvolvimento é impedido pelos factores inerentes à terra. O solo pobre só permite por uns poucos anos o aproveitamento da roça preparada. E' preciso então reverter o campo cultivado à floresta, para que êle recobre sua primitiva fertilidade e uma nova terra deve ser laboriosamente limpa. Quando as terras próximas à aldeia deixam de produzir, as roças se afastam mais e mais, até que finalmente torna-se preciso mudar a própria aldeia a fim de mantê-la a uma distância razoável dos campos de plantio. A produção por unidade de área cultivada não é suficiente para manter um grande número de pessoas e as aldeias necessitam permanecer relativamente pequenas. Isto, de outra parte, mantem num mínimo a divisão de trabalho e a estratificação social ,embora elas apresentem-se aí em gráu maior que entre as tribos caçadoras. Não temos de resto qualquer evidência de que êste tipo de agricultura tenha produzido em qualquer parte do mundo uma cultura mais avançada que a dos índios amazonenses contemporâneos, os quais representam o máximo desenvolvimento possível nessa base de subsistência.

A cultura da Fase Marajoára estava mais avançada do que isso e portanto não ajustada ao ambiente. A organização social dependia da divisão ocupacional do trabalho, o que requeria que só alguns produzissem alimento para a totalidade do grupo. Chegando em Marajó com uma organização social altamente desenvolvida, o grupo mostrou-se capaz de manter êsse nível por um período suficiente para a construção dos grandes tesos e de habitar nos mesmos por um certo tempo. Contudo, as atividades de subsistência requeriam alí mais tempo e trabalho que na área primitiva de onde o grupo viera. Isso acarretou, concomitantemente, uma redução no trabalho avaliável para outras ocupações. A sequência foi oposta à já descrita: a divisão de trabalho decresceu, as aldeias tornaram-se cada vez menores, com poucos indivíduos e um controle político fraco, e a cultura declinou inevitávelmente. Os tesos nas cabeceiras do Rio Anajás, os quais foram excavados em 1948-9, provávelmente não foram ocupados durante os últimos estágios da Fase Marajoára. Embora sendo inferior nos níveis mais recentes que nos níveis mais antigos, a cerâmica mostra-se superior à de qualquer das outras fases. O que finalmente sucedeu ao povo marajoára poderá ser desvendado através de novos trabalhos arqueológicos. Êle pode ter se extinguido ou abandonado a ilha de Marajó ou pode ter sido conquistado e absorvido pelos Aruã, os quais penetraram em Marajó partindo de Mexiana, Caviana e do que hoje constitue o Território do Amapá.

A teoria antropológica mantem dois pontos: assegura 1) que uma sociedade com uma organização social e divisão ocupacional de trabalho avançadas não pode desenvolver-se numa área de floresta tropical onde a agricultura se processa na base de derrubadas e queimadas; e 2) em caso de uma cultura adiantada penetrar numa região de floresta tropical ela não se mostrará capaz de maior desenvolvimento ou mesmo de manter o nível atingido, mas degenerará até alcançar simplicidade comparável às das tribos tropicais contemporâneas. Não há qualquer evidência de que as culturas da Fase Marajoára tenham resultado das precedentes fases de Mangueiras e Formiga na ilha de Marajó. Muito ao contrário, há evidência de que a Fase Marajoára chegou na ilha no máximo do seu desenvolvimento. Lentamente, mas de forma contínua, foi ela se degradando.

Uma vez que a Fase Marajoára se acha caracterizada por tipos de decoração da cerâmica, como excisões, linhas incisas em cordão duplo e retocadas com vermelho, e por artefatos de cerâmica como bancos, tangas, colheres, fusos de tecer, figurinhas, etc., poder-se-ia pensar que seria fàcil investigar o seu lugar de origem. Um estudo cuidadoso da distribuição destas e de outras formas da Fase Marajoára, demonstra que a maior parte ocorre ao noroeste da América do Sul, com centro no Equador e na Colômbia. Isto faz parecer muito provável que a cultura tenha se desenvolvido em algum ponto desta área. Sua arqueológia, porém. é tão parcamente conhecida que atualmente é impossível provar tal conclusão. Além de possuir essas qualificações arqueológicas, esta parte da América do Sul parece prover à própria situação mental circundante.

Não obstante as culturas aqui nunca terem alcançado o climax atingido no Perú, avançaram, todavia, muito mais do que as da floresta tropical.

Aparentemente as condições favoráveis foram perturbadas e os marajoáras viram-se forçados a abandonar êsse território. Êles movimentaram-se em busca de uma nova localização, encontrando terras não apropriadas ou tribos inimigas, até que chegaram à foz do Amazonas. Na ilha de Marajó encontraram pequena ou nenhuma resistência por parte dos povos fracamente organizados da Fase Mangueiras, os quais provávelmente absorveram. O facto de que escolheram o interior da ilha para se localizar em campo aberto, de preferência a espalharem-se nas florestas ao longo da costa, é uma nova pista para a interpretação do seu passado. Estavam êles acostumados a uma vida sedentária e interdependente, com as atividades dirigidas dentro duma comunidade estreitamente unida Êsse padrão de colonização que permite ao grupo viver com uma fàcil inter-comunicação, preservando os lugares adjacentes, com florestas mais densas, para uma agricultura de derrubada e queimada e para a caça está relacionado com uma alta divisão de trabalho e ausência de autosuficiência econômica por parte das famílias e aldeias.

Esta breve interpretação da arqueologia da ilha de Marajó sumariou alguns dos mais importantes resultados do nosso trabalho. Logramos

mostrar que não uma só, mas 5 culturas separadas ocuparam a ilha e que nenhuma delas lá se desenvolveu. Eram tôdas culturas simples, como as dos índios atuais da bacía amazônica, excepto no que diz respeito à Fase Marajoára, que possuiu um sistema social e religioso altamente desenvolvido, bem como uma cerâmica esmerada. O povo que trouxe essa cultura para a ilha de Marajó parece ter vindo de algum ponto no noroeste da América do Sul. Não poude manter seu complexo modo de vida nas cercanías da boca do Amazonas e, assim, depois que chegou à ilha sua cultura declinou gradativamente. Respondemos dêste modo a uma questão, mostrando que a ilha de Marajó não foi um centro do qual se espalhassem influências por todo o Amazonas, mas, ùnicamente, um ponto recebedor de sucessivas influências vindas de algum outro lugar. Fizemos nascer, entretanto, muitas outras questões sôbre a história de cada uma das cinco culturas antes de chegarem a Marajó. Como frequentemente ocorre, uma estação de trabalho de campo criou a necessidade de muitas outras. Sòmente quando outras áreas da América forem tão bem conhecidas como a do sudoeste dos Estados Unidos, é que o arqueólogo poderá escrever o capítulo final e descançar a pena.

ENGLISH SUMMARY

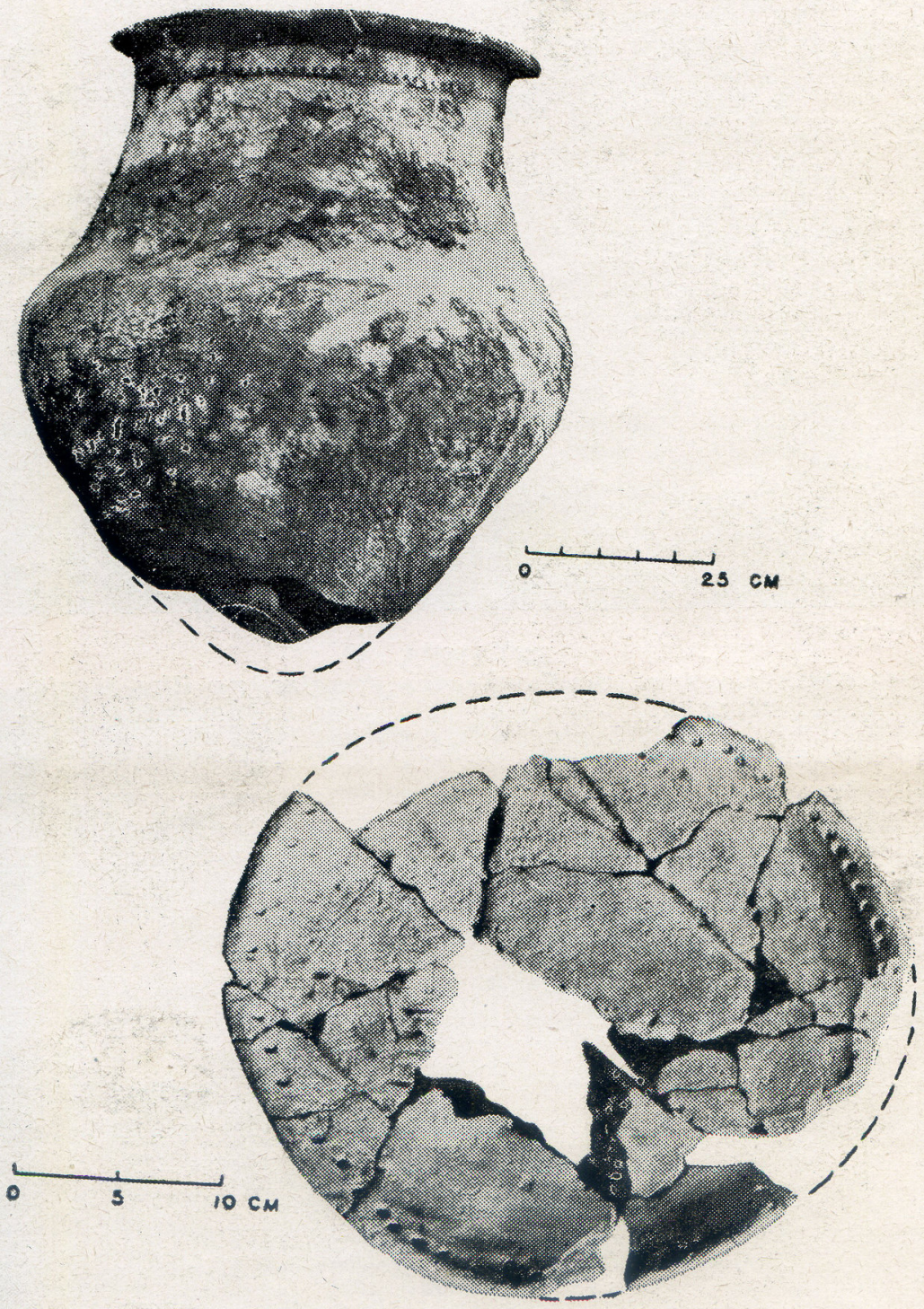
The prehistory of Marajó Island is represented by a sequence of 5 archeological cultures, 3 preceding and 1 following the elaborate Marajoara Phase. None of these cultures appears to be indigenous to the mouth of the Amazon, and the Marajoara Phase shows definite affiliations with material from Ecuador and Colombia that suggests its derivation from somewhere in that general region. After it settled on Marajó Island, the Marajoara underwent a gradual decline revealed by the simplification of the pottery and the loss of features indicative of social stratification and occupational division of labor.

ESTAMPA 1

Fragmentos de cerâmica provenientes de aldeias da Fase Ananatuba, mostrando desenhos típicos "Cipó Inciso"

ESTAMPA 2

Fragmentos de vasos com decoração "Ranhuras Bacuri" de habitações da Fase Mangueiras.



ESTAMPA 3

Uma urna funerária e um alguidar da Fase Aruã, decorado com uma fileira de círculos impressos ou pontuados.

ESTAMPA 4

O cemitério Aruã de Fundo das Panelas, na ilha Mexiana. As 42 urnas funerárias estão agora quebradas e cobertas pela vegetação.

ESTAMPA 5

O cemitério da Fase Marajoára em Belém, no igarapé dos Camutins, no auge da estação chuvosa. Uma casa moderna de caboclo ocupa o ponto mais alto.

ESTMPA 6

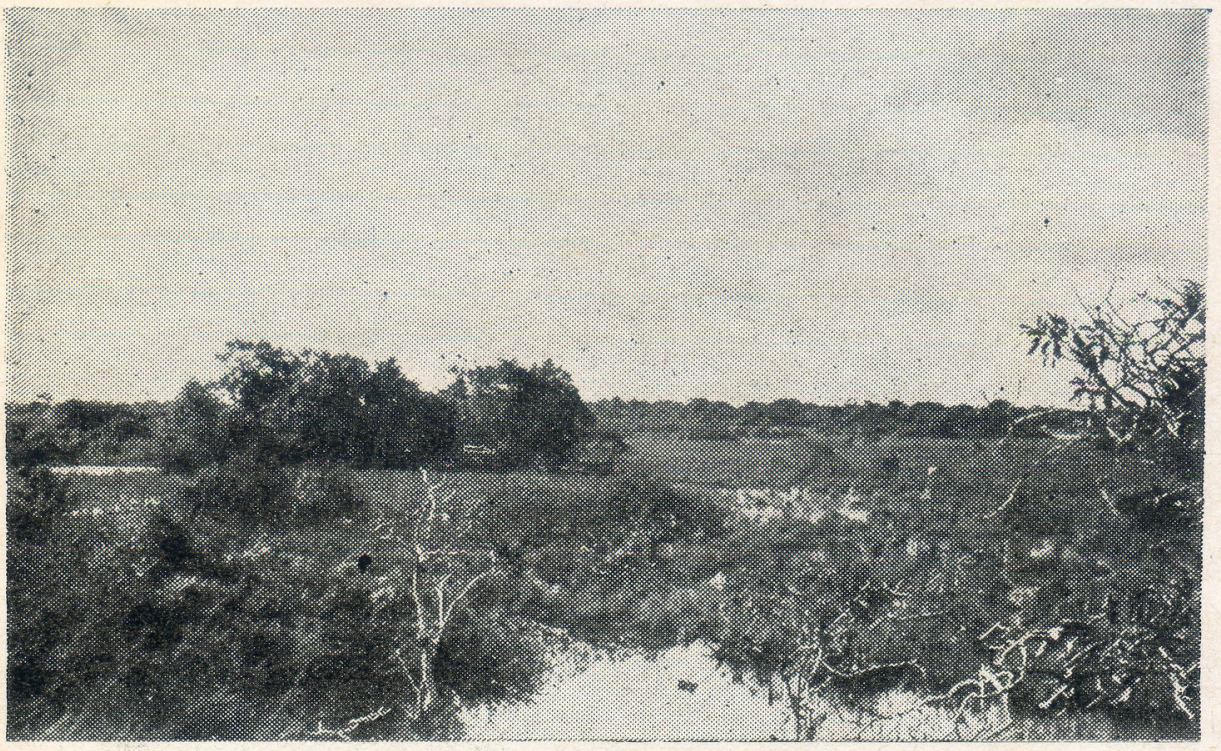
Ao alto: — Um trecho de floresta no norte de Marajó, no qual se encontra uma aldeia da Fase Ananatuba. — Em baixo: — Um sítio de habitação da Fase Formiga, no campo, ao norte de Marajó, revelado pela área de grama mais escura, à direita.

ESTAMPA 7

Urna funerária pintada, da Fase Marajoára, com a sua tampa. Foi escavada do "mound"-cemitério de Guajará, no alto rio Anajás e acha-se agora no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém.

ESTAMPA 8

Objetos de cerâmica da Fase Marajoára: uma tanga e um ídolo provenientes do "mound"-cemitério de Camutins e um banco provávelmente do Pacoval.



ESTAMPA 9

Ao alto: uma vista das terras alagadas ao longo do igarapé dos Camutins, no auge da estação chuvosa, tirada do alto de um "mound"-habitação. — Em baixo: um típico "mound"-habitação, do grupo situado às margens do igarapé de Camutins.

ESTAMPA 10

Urnas funerárias da Fase Marajoára. Ao alto e no centro tipos esmerados da cerâmica antiga. Em baixo, tipo posterior, simples.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS
OFICINAS GRÁFICAS DA
REVISTA DA VETERINARIA
Praça Barão de Guajará, 22
Cx. Postal, 376 - Telefone, 3548
BELÉM - PARÁ - BRASIL
1954

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM